



Epoché e Metanoia como pressupostos elementares para o pesquisador científico

Gustavo dos Santos Oliveira

Resumo: A Ciência Ontopsicológica traz uma novidade ao paradigma científico dominante colocando o pesquisador como elemento essencial no processo de pesquisa e de construção do conhecimento. Desse modo, infere-se que além de um trabalho técnico, também há um viés existencial, no sentido de autenticar o sujeito. A proposta de Edmund Husserl acerca da suspensão de juízo, ao ponto de chegar à evidência do mundo-da-vida, para a construção de um conhecimento como fundamento de verdade, foi uma das grandes provocações que instigou o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti na construção da Ontopsicologia. Assim sendo, o presente trabalho tem por escopo analisar esses dois conceitos-chave (*epoché* e metanoia) como um modo preliminar de imposição do cientista na construção do conhecimento.

Palavras-chave: *Epoché*; Edmund Husserl; metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsicologia.

Epoché and Metanoia as elementary assumptions for the researcher

Abstract: The ontopsychological science brings a novelty to the scientific paradigm placing the researcher as an essential element in the process of knowledge construction, that is, it should not be disregarded. In this way, it is inferred that besides a technical work, there is also an existential bias, in the sense of authenticating the individual. Edmund Husserl's proposal to suspend judgment, to the point of arriving at the evidence of the life-world, for the construction of truth-based knowledge was one of the great provocations that instigated Professor Antonio Meneghetti in the construction of Ontopsychology. Therefore, the present work has as scope to analyze these two key concepts (*epoché* and metanoia) as a preliminary way of imposing the scientist in the construction of knowledge.

Key-words: *Epoché*; Edmund Husserl; metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsychology.

Epoché y Metanoia como presupuestos elementales para el investigador

Resumen: La Ciencia Ontopsicológica trae una novedad al paradigma científico, situa al investigador como elemento esencial en el proceso de construcción del conocimiento. De este modo, se infiere que además de un trabajo técnico, también hay un sesgo existencial, en el sentido de autenticar al individuo. La propuesta de Edmund Husserl acerca de la suspensión de juicio, al punto de llegar a la evidencia del mundo de la vida, para la construcción de un conocimiento como fundamento de verdad, fue una de las grandes provocaciones que instigó al Profesor Antonio Meneghetti en la construcción de la Ontopsicología. Por lo tanto, el presente trabajo tiene por objetivo analizar estos dos conceptos clave (*epoché* y metanoia) como un modo preliminar de imposición del científico en la construcción del conocimiento.

Palabras clave: *Epoché*; Edmund Husserl; Metanoia; Antonio Meneghetti; Ontopsicología.

1 Introdução

O presente estudo tem por escopo evidenciar a necessidade de *suspensão de juízo* (*epoché*) proposta por Edmund Husserl, em consonância com a *mudança da mente* (metanoia), evidenciada pela Ciência Ontopsicológica, como pressuposto elementar para a construção de uma ciência baseada no mundo-da-vida. Como objetivos específicos verificar-se-ão as fases da *epoché*, com base nos textos de Alécio Vidor, Antonio Meneghetti, bem como de Edmund Husserl; a evidência do conceito de metanoia para a Ontopsicologia; e o comportamento atarácico que deve ter o cientista na pesquisa e análise dos fatos.

A escolha do tema se deu como uma provocação das aulas sobre Fenomenologia¹, em que restou claro que Husserl buscava uma saída para as ciências de modo geral, e das aulas sobre Nexo Ontológico², que versavam sobre a informação da vida, que apesar de não compreendermos, passa por nós constantemente, por meio do campo semântico. A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa foi a de revisão bibliográfica e estudo teórico.

O trabalho se estrutura do seguinte modo: Pressupostos elementares e a *epoché* de Edmund Husserl; *Mudança da mente e autenticação*; Resultados e Discussão; Considerações Finais.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Pressupostos elementares e a “*epoché*” de Edmund Husserl

Edmund Husserl, filósofo e matemático alemão, trouxe uma valiosa contribuição ao modo de pensar como percebemos a realidade, no entanto, alguns outros grandes pensadores da história já constataram que nem tudo o que percebemos está totalmente correto e que a análise dos elementos científicos ou até mesmo da vida cotidiana muitas vezes é equivocada.

¹ Nos conteúdos sobre Fenomenologia durante a disciplina “Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ontopsicologia III”, durante o Módulo 3 do curso de Bacharel em Ontopsicologia da AMF.

² Na disciplina de “Fisicidade, Informação e Nexo Ontológico” durante o Módulo 4 do curso de Bacharel em Ontopsicologia da AMF.

Sócrates, enquanto um dos precursores da filosofia ocidental, utilizava um método muito interessante, a maiêutica³. Este filósofo observava que sempre quando entrava em um diálogo filosófico sobre metafísica ou fatos mais simples da vida, as opiniões eram o ponto de partida do discurso. Isso não lhe agradava, pois o modo como fomos educados e postos na dinâmica social nos faz enxergar e dialogar de modo condicionado. Assim sendo, o sujeito acaba se utilizando de conceitos, lógicas e verdades de outros, e não chega à essência daquilo que é o real das coisas.

O seu método consistia em fazer perguntas aparentemente despreziosas sobre determinado assunto consecutivamente, até que o sujeito entre em crise e se aperceba que aquelas verdades que tanto defendia não são tão absolutas. Deste modo, o indivíduo admite para si mesmo que não conhece aquele determinado conceito e parte do princípio para compreender as coisas de fato como são.

Portanto, a proposta de Sócrates era a de se desvencilhar de todos os conceitos pré-estabelecidos sem um fundamento intelectual próprio, admitindo com humildade que não o sabe, para que do princípio possa chegar à compreensão. A frase emblemática do filósofo, “só sei que nada sei”, é caraterial para esse pensamento.

Adiante no tempo, René Descartes também salientou a problemática do conhecimento, neste caso em âmbito científico-filosófico. Em sua obra intitulada “Discurso sobre o Método” destaca que não há como produzir um saber, ou impostar juízos de valor, sem antes encontrar um fundamento imediatamente evidente, pois não se pode criar absolutos baseados em um fundamento de dúvida.

Descartes inferiu em sua obra que o mundo sensório tem a possibilidade de dúvida, eis que o mundo dos sentidos, em certo ponto, não é exato, portanto “o conhecimento que se baseia em um argumento duvidoso (mundo dos sentidos), jamais poderá ser plenamente verdadeiro” (VIDOR, 2013 p. 28). Isso se dá, justamente, em razão da impossibilidade de verificação. Portanto, se a dúvida era constante, se tornava incognoscível criar algo com validade de certeza.

Estes dois autores, citados a título exemplificativo, já constatavam que havia um problema na construção dos conceitos e, portanto, o fundamento do saber se mantinha

³ A Maiêutica foi elaborada por Sócrates no século IV a.C. Através desta linha filosófica ele procura dentro do Homem a verdade. É famosa sua frase “Conhece-te a ti mesmo”, que dá início à jornada interior da humanidade, na busca do caminho que conduz à prática das virtudes morais. Através de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a Maiêutica dá à luz ideias.

incoerente para a produção de um conhecimento verdadeiro, tanto em âmbito filosófico quanto científico.

Por sua vez, Edmund Husserl, no século XX, constatou algo similar e foi além. Porém, nessa época em que as ciências positivistas estavam no seu auge, este filósofo não foi compreendido, mas muitas vezes desprezado pela comunidade científica.

A proposta da dúvida também é parte da teoria de Husserl, ou seja, as certezas da vida cotidiana, os sentidos, os métodos científicos elaborados pelo social, não podem ser tidos como absolutos. Em um primeiro momento a dúvida se faz necessária.

Porém, se o autor se mantivesse somente na dúvida absoluta (*cogito ergo sum*), de fato não teria um avanço real do seu pensamento, pois somente haveria crítica e não uma proposta para chegar a um conhecimento verdadeiro. Desse modo, é necessário pressupor que existe um fundamento de certeza, obviamente não utilizado pelas ciências, mas existente.

É possível colocar tudo em dúvida. No entanto, é indubitável para todo e qualquer ser humano o fato de que ele existe. Neste sentido:

Eu posso excluir da verdade tudo, menos o fato que *Eu sou*. Na “epoché”, eu estou acima de tudo o que reputo válido ou falso e necessito refletir sobre mim enquanto sujeito e enquanto base de tudo o que considero válido. Por isso, não posso me furtar de examinar eu, para quem o mundo e os homens são *fenômenos* (VIDOR, 2013, p. 28).

Desse modo, o Eu verdadeiro do sujeito, apriórico a qualquer fundamento ético-social advindo do externo, se torna um parâmetro para que o sujeito possa conhecer as coisas como de fato são. É necessário fazer uma suspensão de juízo em relação a tudo que é conhecido do externo, para chegar à última camada de significado do objeto que se analisa.

Para esse escopo, Edmund Husserl propõe que a *epoché* deve ser feita em três fases ou momentos distintos.

A primeira fase é aquela em que o cientista se coloca em uma atitude contrária àquela de considerar que todo o conhecimento científico é idêntico ao mundo externo, ou seja, se faz uma redução fenomenológica, no sentido que, por esse conhecimento ser produzido pela consciência, os fenômenos são por ela formalizados e não correspondem exatamente ao real externo.

A segunda *epoché* é marcada pela necessidade de acesso à consciência pura. Nesse caso se coloca em suspensão o próprio ato de pensar, ou seja, a ação cognitiva da própria

consciência. Assim, se pode evidenciar se a consciência reflete o mundo-da-vida ou se é embasada em estruturas exteriores não evidenciadas.

Por fim, a última suspensão de juízo é feita sobre o próprio eu do sujeito, sendo esse operador anterior à consciência. É possível, deste modo, chegar ao Eu verdadeiro e acessar o mundo-da-vida de modo natural, o que depois servirá de base para refundar o critério de ciência.

O meu eu é o eu do homem concreto, é parte de um gênero de coisas no mundo. Numa atitude de reflexão mais profunda: o meu eu é o Eu do Ego que reflete como Ego puro? Para esse Ego, o mundo, os homens do mundo, o meu ser homem são objetos para conhecimento. É o Ego que realiza uma certeza de ser, que realiza o valor do mundo. Esse Ego é anônimo, é a vida enquanto se reflete e eu sou fruto do ser-ego. O Ego real não faz parte do mundo e nem pode ser designado como eu de uma vida humana porque é universal. É o Ego que em antecipação realiza operação de valor (VIDOR, 2013, p. 36).

Para o sujeito chegar ao fundamento de certeza deve, então, fazer todas essas suspensões de juízo para chegar ao princípio base do humano, que é anterior e que pode dar um critério de verdade às ciências com base no mundo-da-vida. Husserl acreditava que essa impositação do cientista poderia resolver a crise das ciências europeias.

2.3 Mudança da mente e autenticação

A proposta de Edmund Husserl, apesar de não ser concretizada, serviu como grande provocação à Ciência Ontopsicológica. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, conhecendo a fundo a obra de Edmund Husserl, compreende que existe a necessidade de uma verificação da consciência humana para se chegar à profunda radicalidade do ser humano. “Como cientista constatei o que o filósofo Edmund Husserl denunciava e demonstrava, ou seja, que faltava à humanidade a segurança de uma ciência exata” (MENEGETTI, 2014, p. 137). Nesse sentido, segue afirmando que:

Portanto, a Ontopsicologia precisa ainda melhor o postulado de Edmund Husserl: é a consciência do cientista que não é capaz de entrar no mundo-da-vida, isto é, na intencionalidade ontológica. Não tendo esse acesso imediato original das diversas individuações do mundo-da-vida, o cientista constrói uma ciência anômala, estranha, memética, técnica, portanto monitor de deflexão: *indução à coação a repetir em sentido de sistema esquizofrenógeno* (cindido do original) (MENEGETTI, 2014, p. 154).

A Ontopsicologia com seu método descobriu que o homem possui essa base sadia, que foi denominada Em Si ôntico, que se bem compreendida serve de critério elementar para o sujeito em qualquer campo da sua existência.

Porém, para chegar à evidência desse ponto basilar, o sujeito deve passar por um *training de autenticação*⁴, que consiste na utilização dos instrumentos técnicos da Ciência Ontopsicológica, em consonância com um trabalho individual e intransferível da pessoa para adequar os seus modos de pensar e agir de acordo com a lógica deste princípio elementar que é o Em Si da pessoa.

E em meio a esse processo, o sujeito deve fazer metanoia⁵, ou seja, reorganizar os modelos comportamentais e mentais externos, para que se possa adequar o modo de pensar e agir em consonância com a lógica do próprio Em Si ôntico de cada pessoa, na medida em que é uma informação anterior que dá um critério de utilidade e funcionalidade para o sujeito.

Segundo a definição de Antonio Meneghetti, *metanoia* consiste numa variação radical do jeito de ser, do comportamento da pessoa, buscando assim uma convergência de direção essencial à busca da realidade ôntica (MENEGETTI, 2012).

Nesse sentido, a Ontopsicologia supera a concepção de Husserl, pois, além de identificar que existe uma base do humano que remete ao mundo-da-vida, evidencia que é necessário mudar a mente para adequá-la a esse princípio.

Nesse caso, o ser humano tem que deixar de impostar a sua energia numa experiência do passado e enxergar em primeira pessoa aquilo que é útil e funcional para si mesmo, para sua identidade em cada momento. No sentido de que a evidência pode dar a causalidade do objeto pesquisado no aqui e agora do sujeito.

Do modo como fomos educados somos constringidos a verificar os fatos da vida, tanto em âmbito científico quanto nos demais campos, sempre com um pré-julgamento advindo de nossa própria cultura. No entanto, não há nisso um fundamento de verdade, eis que não analiso o objeto como se dá, mas sim de acordo com a projeção dos meus complexos pessoais.

O pesquisador deve livrar-se desses condicionamentos, suspendendo o juízo e fazendo *metanoia* para mudar esse modelo mental e comportamental. Assim, consegue analisar o objeto estudado de modo verdadeiro e produzir conhecimento embasado no real

⁴ “Conformar o Eu lógico-histórico à intencionalidade do Em Si ôntico. Capacidade de desenvolver-se segundo a própria virtualidade” (MENEGETTI, 2012, p. 29).

⁵ Do grego, mudança da mente (MENEGETTI, 2012, p. 172).

das coisas. Para isso, a Ontopsicologia coloca como pressuposto elementar a exatidão do pesquisador, que pode ser alcançada a partir de uma correção da consciência, feita através de um *training* de autenticação.

3 Resultados e Discussão

Com base nesses dois conceitos elementares (*epoché* de Edmund Husserl e metanoia de Antonio Meneghetti) é possível que o pesquisador encontre a causalidade do objeto que analisa, ou seja, a partir de uma autenticidade de si mesmo é possível conhecer o mundo que o circunda de modo verdadeiro.

Na maioria das vezes quando discutimos sobre um fato ou sobre um conhecimento, fazemos associações com base em nossa seleção temática complexual, o que nos leva a não conhecer o real como é, mas sim segundo o nosso modo de construção íntima e social.

Se pensarmos que os pesquisadores de modo geral não se preocupam com a sua própria consciência e com os acreditados e postulados científicos sem uma evidência real, infere-se que o fundamento que dá sustentáculo às ciências de modo geral não é comprovadamente verdadeiro. Além disso, em sua grande maioria, durante sua vida, não chegam às suas máximas potencialidades.

Deste modo, caso se queira fazer uma ciência que faz nexos com o real do mundo-da-vida, é necessário observar os fatos como são, sem um juízo pré-estabelecido. E para este fim a metodologia ontopsicológica é um instrumento eficaz para fazer com que o homem retome a sua intrínseca lógica de natureza.

4 Considerações Finais

Foi demonstrado no presente trabalho que grandes pensadores, cada um a seu modo, perceberam que o processo de percepção do homem não funciona de modo correto, ou, pelo menos, que o ser humano constrói grande parte de seus conhecimentos sem uma evidência em primeira pessoa do real que é objeto de análise.

Sócrates com a maiêutica, Descartes com o seu discurso sobre o método e, sobretudo, Edmund Husserl com a questão da Fenomenologia e a necessidade da *epoché*. Ambos foram precursores para a necessidade atarácica do pesquisador, e, certamente, o

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti se serviu desses conhecimentos e provocações também para formalizar a Ciência Ontopsicológica.

É impensável que um cientista possa fazer uma ciência exata se não possui um critério de verificação exata, ou seja, se o instrumento da produção do conhecimento é o ser humano, esse instrumento deve estar o mais qualificado possível. Pois, quanto mais desviado for o instrumento, maiores serão as chances da sua produção intelectual se construir de modo equivocado.

Portanto, esta postura do pesquisador em consonância com um *training de autenticação do sujeito* é essencial para dar um ponto real de evolução às ciências. A exatidão do pesquisador é a chave para o nexos ontológico, ou seja, a capacidade do cientista de, a partir de si mesmo, chegar à evidência da compreensão da causalidade do objeto.

Referências

- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2003.
- MENEGHETTI, Antonio. *Conhecimento ontológico e consciência*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. *Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. *Nova Fronda Virescit: Em Busca da Alma*. Recanto Maestro, Ontopsicológica Editrice, 2006.
- VIDOR, Alécio. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.